

“Inteirando” a Língua: O Patxohã e suas paisagens híbridas no Território Kaí-Pequi (Comexatiba)

Paulo de Tássio Borges Silva^{1*} 

¹ Universidade Federal Fluminense, Brasil

*Autor de correspondência: paulodetassiosilva@yahoo.com.br

RESUMO

O presente texto faz parte de reflexões com o Povo Pataxó do Território Indígena Kaí-Pequi, na proposição de diálogos sobre Currículo, Cultura, Diferença, Educação Escolar Indígena e Revitalização Linguística. Os diálogos aqui apresentados fazem parte de extratos da tese de doutorado em educação, intitulada *Paisagens e Fluxos Curriculares Pataxó: processos de hibridização e biopolítica*, defendida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e em pesquisas realizadas no Programa de Mestrado em Linguística e Línguas Indígenas do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN-UFRJ). O texto opera com referenciais pós-estruturais e pós-coloniais, numa tentativa de diálogo entre as Línguas Indígenas e a linguística *queer*. As considerações apontadas no texto operam como inconclusas, onde as experiências Pataxó de revitalização linguística são lidas como fluxos de paisagens e fluxos curriculares, que podem contribuir na desconstrução de aparelhamentos culturais e linguísticos.

PALAVRAS-CHAVE:

Língua Patxo
Linguística Queer
Povo Pataxó

ABSTRACT

This text is part of reflections with the Pataxó People of the Kaí-Pequi Indigenous Territory, in proposing dialogues on Curriculum, Culture, Difference, Indigenous School Education and Linguistic Revitalization. The dialogues presented here are part of extracts from the doctoral thesis in education, entitled *Landscapes and Curricular Flows Pataxó: processes of hybridization and biopolitics*, defended at the Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), and in research carried out in the Master's Program in Linguistics and Indigenous Languages at the National Museum of the Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN-UFRJ). The text operates with post-structural and post-colonial references, in an attempt to establish a dialogue between Indigenous Languages and queer linguistics. The considerations pointed out in the text operate as inconclusive, where the Pataxó experiences of linguistic revitalization are read as flows of landscapes and curricular flows, which can contribute to the deconstruction of cultural and linguistic apparatuses.

KEYWORDS:

Patxohã Language
Pataxó People
Queer Linguistics

RESUMEN

Este texto forma parte de las reflexiones con el Pueblo Pataxó del Territorio Indígena Kaí-Pequi, al proponer diálogos sobre Currículo, Cultura, Diferencia, Educación Escolar Indígena y Revitalización Lingüística. Los diálogos que aquí se presentan son parte de extractos de la tesis doctoral en educación, titulada *Paisajes y Flujos Curriculares Pataxó: procesos de hibridación y biopolítica*, defendida en la Universidad del Estado de Río de Janeiro (UERJ), y en investigaciones realizadas en el Programa de Maestría en Lingüística y Lenguas Indígenas en el Museo Nacional de la Universidad Federal de Río de Janeiro (MN-UFRJ). El texto opera con referencias postestructurales y postcoloniales, en un intento de establecer un diálogo entre las lenguas indígenas y la lingüística *queer*. Las consideraciones señaladas en el texto operan como inconclusas, donde las experiencias Pataxó de revitalización lingüística son leídas como flujos de paisajes y flujos curriculares, que pueden contribuir a la desconstrucción de aparatos culturales y lingüísticos.

PALABRAS-CLAVE:

Lengua Patxohã
Lingüística Queer
Pueblo Pataxó

Considerações Iniciais

O presente texto faz parte de reflexões com o Povo Pataxó do Território Indígena Kaí-Pequi há mais de dezessete anos, onde tenho proposto diálogos sobre Currículo, Cultura, Diferença, Educação Escolar Indígena e Revitalização Linguística. Os diálogos aqui apresentados fazem parte de extratos da minha tese de doutorado em educação, intitulada *Paisagens e Fluxos Curriculares Pataxó: processos de hibridização e biopolítica*, defendida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e em pesquisas realizadas no Programa de Mestrado em Linguística e Línguas Indígenas do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN-UFRJ).

O texto opera com referenciais pós-estruturais e pós-coloniais, numa tentativa de diálogo entre as Línguas Indígenas e a linguística *queer* (BORBA, 2015). A Linguística Queer:

[...] tem se configurado como uma área de investigação que estuda o espaço semântico-pragmático entre os discursos dominantes (i.e. heteronormatividade) e a performance linguística situada [...] [tendo como objetivo] investigar como discursos [...] deixam traços na língua, possibilitam a ação social e são, na performance linguística, sustentados ou subvertidos (BORBA, 2015, p. 94).

O diálogo com a Linguística *Queer* busca uma análise acerca das performances linguísticas no “inteiramento”¹ do *Patxohã*, entendendo que essas performances reiteram e se cruzam com distintos fluxos identitários na construção de subjetividades pataxó.

Os Pataxó: fluxos e cortes identitários

“O sujeito é apreensível somente na passagem entre contar/contado, entre “aqui” e “algum outro lugar”, e nessa cena dupla a própria condição do saber cultural é a alienação do sujeito.”

Bhabha, 2013, p. 243

¹ O termo “inteirar” a língua é oriundo de Zabelê, uma das matriarcas dos Pataxó do Território Kaí-Pequi, falecida em 2012. Para Bomfim (2014, p. 132), “o termo ‘inteiramento’ é utilizado no sentido de inteirar, acrescentar ou aumentar”.

Nas minhas pesquisas (SILVA, 2009, 2013, 2014, 2019), enunciar quem é o Povo Pataxó tem sido constante. E na minha tese (SILVA, 2019) venho operando com Appadurai (2004), a partir do seu conceito de mediapaisagens para compor os remendos de descrição desse povo, uma vez que não se tem a pretensão de fazer algo totalizante. Para o autor, as mediapaisagens são responsáveis pela tecelagem dos remendos de composição do simulacro da discursividade em diferentes tipos de linguagens:

[...] tendem a ser explicações centradas na imagem, com base narrativa de pedaços da realidade, e o que oferecem aos que vivem e as transformam é uma série de elementos (como personagens, enredos e formas textuais) a partir dos quais podem formar vidas imaginadas, as deles próprios e as daqueles que vivem noutros lugares (APPADURAI, 2004, p. 54).

Desta forma, as fixações dos remendos ao que se é Pataxó, tentativas de tornar fixa uma identidade, nada mais são do que paisagens discursivas de normalização do indeterminado, das misturas dos fluxos culturais deste grupo.

Para a linguística e a antropologia, o Povo Pataxó pertence ao tronco linguístico Macro-jê e à grande família Maxakali, distribuindo-se em três territórios na Bahia (território de Coroa Vermelha, território de Barra Velha e território de Comexatiba, também conhecido como território Kaí-Pequi) e em quarenta e uma aldeias nos Estados da Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, estando trinta e três aldeias localizadas na Bahia, seis em Minas Gerais, uma no Rio de Janeiro e uma no Espírito Santo².

Na historiografia indígena brasileira, o primeiro relato acerca dos Pataxó é do século XVI. O relato ocorrido em 1577 retrata a entrada de Salvador Correia de Sá, ao encontrar populações *Aimoré* nas imediações do Rio Doce, e outras nações citadas como *Patachos*, *Tapuias*, *Apuris* e *Puris* (EMMERICH & MONSERRAT, 1975, p. 5). Outro relato é do engenheiro civil Wilhem C. Feldner, em 1813, ao encontrar na Vila do Prado³, capitania de Porto Seguro, um grupo de Maxakali, com quem consegue obter dados quanto aos seus ritos, e dos Pataxó, de enterramento e

² A aldeia está localizada na cachoeira do Iri no município de Paraty – RJ, com aproximadamente 20 famílias oriundas do Sul da Bahia (famílias Pataxó e Pataxó Hã Hã Hãe, tendo o grupo se autodenominado Pataxó *Jaguarê*. No Espírito Santo a aldeia fica localizada no distrito de Itaúnas e se chama Aldeia Pataxó Jacó.

³ A criação da Vila do Prado tem uma relação direta com os índios Pataxó do Monte Pascoal. Foi fundada em 1764, na então chamada política pombalina, com o objetivo de proteger a estrada da beira-mar dos inúmeros índios que se refugiavam no sertão do Monte Pascoal, sendo descritos como os mais “temidos e perigosos”, que se dirigiam à costa do mar, atrapalhando a comunicação e o sossego dos viajantes (CANCELA, 2008, p. 598).

maneiras de viver. Em 1816, o Príncipe Maximilian de Wied-Neuwied encontra os Pataxó, já mantendo alianças com os Maxakali. Eis alguns aspectos do relato etnográfico apresentados pelo viajante:

No aspecto externo, os Patachós assemelham-se aos Puris e aos Machacarís, com a diferença de que são mais altos que os primeiros; como os últimos, não desfiguram rostos, usando os cabelos naturalmente soltos, apenas cortados no pescoço e na testa, embora alguns rapem toda a cabeça e deixem um pequeno tufo adiante e outro atrás. Há os que furam o lábio inferior e a orelha, metendo um pequeno pedaço de bambu na abertura (WIED-NEUWIED, 1989, p. 214).

Além dos aspectos físicos relatados por Wied-Neuwied (1989), o mesmo descreve uma cena de negociação entre os Pataxó e os moradores da Vila do Prado em 1810, sendo possível observar desde esta data o escambo Pataxó com os colonos.

Eram tribos Patachós, da qual eu não tinha visto nenhuma até então, e haviam chegado poucos dias antes das florestas, para as plantações. Entraram na vila completamente nus, sopesando armas, e foram imediatamente envolvidos por um magote de gente, traziam para vender grandes bolas de ceras, tendo nós conseguido uma porção de arcos e flechas em troca de lenços vermelhos (WIED-NEUWIED, 1989, p. 214).

Como apontei em outro trabalho (SILVA, 2009), com a chegada da família Real em 1808, é decretada “guerra justa” aos chamados Botocudo de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia, decretando-se a escravidão temporária para os índios do Brasil. Marca-se assim, o início da colonização no que é hoje o Extremo Sul Baiano, “[...] região, assim resguardada [em que] retardou por alguns séculos o contato dos povos Macro-jê dos sertões do leste com as frentes pioneiras, inclusive os bandeirantes paulistas, devassadores das matas” (VALLE, 2000, p. 68).

Em sua tese de doutorado, Valle (2000, p. 69) coloca que em 1808 a população de Trancoso, Juacema, Caraíva, Kaí e Cumuruxatiba era em maioria remanescente Tupinikim e considerada como aliada, sendo que os Pataxó coexistiam e conviviam pela praia “atrevidos e valentes”, “sem domicílio certo, vivendo de pesca, caça e furtos” (VALLE, 2000), mostrando a recusa em fazer contato com as frentes de expansão. É imprescindível colocar que a partir de 1808, com a chegada da família Real no Brasil, os Pataxó foram caçados e espoliados em nome do “desenvolvimento”, impondo-se a ideia de abrir o litoral para os portos e evitar a invasão de Napoleão.

Durante o Império, aos grupos indígenas do Nordeste foram concedidas verbas para o fornecimento de ferramentas e diversas honrarias aos “diretores de índios” nas províncias, em função disso, muitos indígenas abandonaram suas terras, passando-se por livres, sem que pudessem identificar sua condição de indígenas, juntando-se aos bandos que andavam pelas fazendas em busca de um lugar para se fixar (RIBEIRO, 1986, p. 52-56).

Em meio um intenso processo de conflitos e negociações, em 1860 o governador da província da Bahia determina o agrupamento forçado de toda a população indígena de toda região que hoje é o Sul da Bahia, num lugar próximo à foz do Rio Corumbau, onde em 1861 é instituído um aldeamento pelo Cônego Ignácio de Souza Meneses, Vigário Capitular, aos cuidados da Ordem Franciscana dos Capuchinhos, que seria no mesmo território do aldeamento Bom Jardim de Monte Pasqual,

[...] que existe pelo menos desde 1815-1817, onde para lá foram arregimentados não apenas Pataxó, mas outros grupos que resistiam ao processo de colonização como os Botocudo, Aymoré, Tupiniquim, Kamakã, Meniã e Massajais, aldeamento que veio depois a se chamar atual Barra Velha (TEMPESTA e SOTTO-MAIOR, 2005, p. 11-12).

É importante salientar, que sendo a grande maioria da etnia Pataxó, o cotidiano da aldeia era marcado e legitimado por esta, levando as demais etnias a adotarem as práticas e vivências Pataxó.

Para o que vem se denominando de etnohistória dos Pataxó, segue parte dela contada a partir do mito da criação do seu povo, “Txopai e Itôhã”⁴.

Antigamente, na terra, só existiam bichos e passarinhos, macacos, caititu, veado, tamanduá, anta, onça, capivara, cutia, paca, tatu, sarigue, teiú, cachichó, cágado, quati, mutum, tururim, jacu, papagaio, aracuã, macuco, gavião, mãe-da-lua e muitos outros passarinhos. Naquele tempo, tudo era alegria. Os bichos e passarinhos viviam numa grande união. Cada raça de bicho e passarinho era diferente, tinha seu próprio jeito de viver a vida.

Um dia, no azul do céu, formou-se uma grande nuvem branca, que logo se transformou em chuva e caiu sobre a terra. A chuva estava terminando e o último pingo de água que caiu se transformou em um índio. O índio pisou na terra, começou a olhar a floresta, os pássaros que passavam voando, a água que caminhava com serenidade, os animais que andavam livremente e ficou fascinado com a beleza que estava vendo ao seu redor. Ele trouxe consigo muitas sabedorias sobre a terra. Conhecia a época boa de plantar,

⁴ Mito de criação da Etnia Pataxó. História contada por Apinhaera Pataxó em 1997. In: VALLE, Cláudia Neto do. Sou Brasileiro, Baiano, Pataxó. (Dissertação de Mestrado), PUC-SP, 2000.

de pescar, de caçar, e as ervas boas para fazer remédios e seus rituais. Depois de sua chegada na terra, passou a caçar, plantar, pescar e cuidar da natureza. A vida do índio era muito divertida e saudável. Ele adorava olhar o entardecer, as noites de lua e o amanhecer.

Durante o dia, o sol iluminava seu caminho e aquecia seu corpo. Durante a noite, a lua e as estrelas iluminavam e faziam suas noites mais alegres e bonitas. Quando era à tardinha, apanhava lenha, acendia uma fogueirinha e ficava ali olhando o céu todo estrelado. Pela madrugada, acordava e ficava esperando clarear para receber o novo dia que estava chegando. Quando o sol apontava no céu, o índio começava o seu trabalho e assim ia levando sua vida, trabalhando e aprendendo todos os segredos da terra. Um dia, o índio estava fazendo ritual. Enxergou uma grande chuva. Cada pingão ia se transformando em índio. No dia marcado, a chuva caiu. Depois que a chuva parou de cair, os índios estavam por todos os lados. O índio reuniu os outros e falou:

- Olha, parentes, eu cheguei aqui muito antes de vocês, mas agora tenho que partir.

Os índios perguntaram:

- Pra onde você vai?

O índio respondeu:

- Eu tenho que ir morar lá em cima no *Itôhã*, porque tenho que proteger vocês.

Os índios um pouco tristes, mas depois concordaram.

- Tá bom, mas não se esqueça do nosso povo.

Depois que o índio ensinou todas as sabedorias e segredos falou:

- O meu nome é "*Txopai*".

De repente, o índio se despediu dando um salto, e foi subindo, subindo... até que desapareceu, no azul do céu, e foi morar lá em cima no "*Itôhã*". Pataxó é água da chuva batendo na terra, nas pedras, e indo embora para o rio e o mar. Daquele dia em diante, os índios começaram suas caminhadas aqui na terra, trabalhando, caçando, pescando, fazendo festas e assim surgiu a nação "Pataxó".

Percebe-se nos diferentes discursos (antropológico, histórico e linguístico) acima, tentativas de normalização do que vem a ser Pataxó. Sendo importante destacar que estes compõem uma rede de significados, não estando isolados da ideia de um sujeito nacional. Neste sentido, "o que se interroga não é simplesmente a imagem da pessoa, mas o lugar discursivo e disciplinar de onde as questões de identidade são estratégicas e institucionalmente colocadas" (BHABHA, 2013, p. 89). Não obstante,

A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos *preestabelecidos*, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica (BHABHA, 2013, p. 21).

Para não lermos aqui de forma apressada os Pataxó como um bloco único, cristalizado a uma tradição, estarei apresentando um pouco sobre os Pataxó do

Território Kaí- Pequi, situando melhor onde venho refletindo sobre processos curriculares e política linguística pataxó.

O Fogo de 1951: a Diáspora Pataxó

Ao contrário dos Povos indígenas do Amazonas, que foram considerados pelas frentes de expansão como mão-de-obra, os povos indígenas do Nordeste foram considerados como empecilho que deveriam ser limpidos juntamente com a mata para encher o território de pastos para o gado. No movimento de ampliação da fronteira de exploração madeireira e da pecuária, se lançaria sob o território do Extremo Sul baiano a expansão agrícola, com plantações de cacau, que impulsionados pela procura no mercado mundial e a decadência das lavouras de cana-de-açúcar, fumo e algodão, penetrou largamente na Mata Atlântica, levando ao genocídio de famílias Pataxó e Kamakãm (RIBEIRO, 1986, p. 99-100).

O “Fogo de 1951” é considerado por historiadores como a diáspora Pataxó, revelando o caráter de dispersão do último aldeamento, hoje considerada “aldeia-mãe”, a aldeia de Barra Velha. O “Fogo de 1951” acontece em meio à sobreposição do Parque Nacional do Monte Pascoal ao Território Pataxó e a intrigas causadas por dois homens, supostamente do SPI, cujos nomes a história não registra, figurando suas apresentações como engenheiro e tenente, e suas condições de funcionários do governo, que num contexto marcado por injustiças incentivaram os índios da Aldeia de Barra Velha a saquearem um armazém de comércio em Corumbau e cortar a linha de telégrafo. O “Fogo de 1951” foi noticiado pelo Jornal A Tarde, sendo chamado de “Revolta dos caboclos de Porto Seguro”.

A “revolta dos caboclos de Porto Seguro” (A Tarde, 30/05/1951) revelou a existência de pessoas em “lastimável estado de miséria, todos passando fome e alguns doentes” (30/05/1951), que teriam sido insuflados por dois indivíduos que o capitão da época conhecera no Rio de Janeiro, e que lhe teriam prometido dirigir-se à aldeia para realizar a medição de suas terras. Os dois, identificados como “engenheiro” e “tenente” (A Tarde, 08/06/1951), pretextando ser isso necessário para a consecução de seus objetivos, indispuseram os índios contra a população não índia dos arredores, notadamente a de Corumbau, onde teve lugar um assalto a um comerciante. Da dura repressão resultou a morte dos dois líderes não-índios, a prisão do “capitão” e de mais dez índios, homens e mulheres, e a dispersão dos demais, sob completo desespero (CARVALHO, 2009, p.513).

É neste momento, que é desencadeada uma verdadeira chacina pela polícia militar do Prado e Porto Seguro, juntamente com capangas de fazendas vizinhas. No livro *Barra Velha: o último refúgio*, Oliveira relata que:

Dentro das casas os índios se jogavam no chão. As balas batiam como tochas de fogo, arrancando o reboco das paredes e partindo as tabuinhas dos telhados. Logo depois, começaram a ouvir tiros vindo do outro lado também e compreenderam que estavam cercados...os índios presos iam sendo amarrados com as mãos para trás [enquanto] uma imensa fila de índios amarrados foi saindo da aldeia. As crianças agarravam-se a seus pais, muitos estavam pisando pela última vez o solo de Barra Velha (OLIVEIRA, 1985, p. 21, 23-24).

É a partir da violência do “Fogo de 1951” que se desencadeia a diáspora Pataxó, levando muitos (as) a se esconderem nas casas de parentes em cidades vizinhas e em outros estados. Nesse processo tão doloroso, esconder sua identidade étnica, aceitando a denominação genérica de “caboclos”, tornou-se um meio de sobrevivência. Para Roberto Cardoso de Oliveira (2002, p. 42-43), a categoria “caboclo” pode ser considerada um sintoma dos sistemas de exploração econômica e política, que segmentos regionais da população brasileira, fazendeiros, coronéis, políticos, empreiteiros, dentre outros, exerceram e exercem em muitas regiões sob os povos indígenas. Nesta perspectiva, a negação da sua identidade tornou-se a única via de aceitação dos Pataxó frente à sociedade dominante.

Os Pataxó do Território Kaí-Pequi

A retomada étnica de “caboclos” para Pataxó se desencadeou no momento em que 120 famílias Pataxó decidiram deflagrar o processo de reconhecimento de sua identidade étnica, de luta pela retomada e demarcação do seu território, em abril do ano 2000, quando foram expulsos e violentados por ação de pistoleiros, durante a comemoração dos 500 anos do desembarque do português Nicolau Coelho na Barra do Kaí e da tripulação da esquadra de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro (SILVA, 2009). Em 2003, os Pataxó retornaram em um número maior, decidindo lutar pelo seu território e reconhecimento étnico,

estando o Território Pataxó Kaí-Pequi já delimitado por estudo da FUNAI pela Portaria nº. 1.455/PRES, de 29 de novembro de 2006, publicado no Diário Oficial da União de 27 de julho de 2015, aguardando até o momento a assinatura de demarcação do Ministério da Justiça.

O Território Kaí-Pequi possui 28.000 hectares e está localizado no Extremo Sul da Bahia, município do Prado, região conhecida turisticamente pelo nome de Costa das Baleias. O território foi delimitado pelo Grupo Técnico da FUNAI e segue aguardando a demarcação, convivendo com diferentes conflitos ligados à posse da terra (conflitos com um complexo hoteleiro, com o Parque Nacional do Descobrimento criado pelo Instituto Chico Mendes (ICMBio) e com fazendeiros. No território Kaí-Pequi, no que compreende a região de Cumuruxatiba, estão dispostas sete aldeias: Aldeia Kaí, Aldeia Pequi, Aldeia Dois Irmãos, Aldeia Tibá, Aldeia Alegria Nova, Aldeia Monte Dourado e a Aldeia Gurita.

Cabe colocar que há anos os Pataxó têm vivenciado conflitos em seus territórios por conta da sobreposição de Unidades de Conservação. O início dos conflitos é marcado com o Decreto de Lei nº. 12.729 de 19 de abril de 1943, promulgado pelo interventor da Bahia que cria o Parque Monumento Nacional do Monte Pascoal (PMNMP).

O conflito se acentua com os Pataxó do Território Kaí – Pequi em 2000, quando é criado o Parque Nacional do Descobrimento (PND), numa negociação com a antiga BRALANDA⁵, em que o governo Federal comprou suas “supostas terras”, sendo chamadas então de Parque Nacional. O PND é uma Unidade de Conservação (UC) com 21.130 hectares e, apesar da exploração da Sociedade Anônima Brasil-Holanda Indústria (BRALANDA), possui a maior mancha contínua da Mata Atlântica do território brasileiro.

Os Pataxó do Território Kaí- Pequi são pescadores (as), agricultores (as) e marisqueiras (atividades de coletas e limpeza de mariscos, feitas em sua maioria por mulheres e crianças), tendo como renda sazonal a venda de artesanato, a “panha” da Aroeira⁶ e venda de frutos endêmicos como a Mangaba. Algumas

⁵ Antiga empresa que explorava a extração da areia monazítica e madeira na região.

⁶ A Aroeira, espécie endêmica no Território Pataxó Kaí-Pequi, passou a ser uma fonte de renda, a partir da procura de armazenistas pelo produto. Uma vez a Aroeira sendo procurada, algumas aldeias começaram fazer o plantio aos redores das casas, ganhando essa, um sentido econômico e estético. A panha da Aroeira é feita por homens, mulheres e crianças. A coleta é feita durante o ano inteiro, tendo alguns períodos de maiores produções. Em tais períodos, geralmente na primavera, toda a comunidade para, e se dedica a tal função (SILVA, 2009, p. 52).

famílias estão empregadas no serviço público, sendo a maioria nas funções da escola, como agentes de saúde e na brigada de controle de incêndio durante o período de queimadas no Parque Nacional do Descobrimento. Outras estão na iniciativa privada, atuando principalmente nos serviços de hotelaria (vigias, camareiras, cozinheiras, lavadeiras, entre outros cargos) e como garçons e garçonetes nos restaurantes que circundam o litoral.

No decorrer do texto estarei apresentando os Pataxó de Cumuruxatiba, que estão em localizados em 7 aldeias (Alegria Nova, Kaí, Pequi, Gurita, Dois Irmãos, Monte Dourado e Tibá) não sendo minha intenção construir uma narrativa de essencialização.

Os Pataxó de Cumuruxatiba

Os Pataxó de Cumuruxatiba vivem numa região que conseguiu, até certo ponto, dar-lhe uma proteção. Uma região geograficamente estratégica que se tornou um refúgio após a diáspora Pataxó

Cumuruxatiba é um distrito do município do Prado-Bahia, localiza-se a 805 Km da capital Salvador, 110 Km de Teixeira de Freitas (considerada uma das capitais regionais da Bahia) e 32 Km do município do Prado, tendo como acesso terrestre a BR 101. Atualmente Cumuruxatiba se apresenta como um grande polo de desenvolvimento turístico, localizando-se dentro do território turístico classificado como Costa das Baleias, atraindo redes de hotéis e *resorts*, o que nem sempre caminha na direção da qualidade e melhoria de vida para as populações nativas do lugar. Pelo contrário, tais empreendimentos, não raro, vêm contribuindo para pressioná-los ainda mais aos processos integradores e de exploração do território.

Os Pataxó de Cumuruxatiba, como são reconhecidos por outros grupos Pataxó, estão agrupados em 7 aldeias, cada uma com sua especificidade e jeito de ser Pataxó. A aldeia Tibá está localizada a 6 km de Cumuruxatiba, foi criada em 17 de agosto de 2003, onde vivem numa área em que o Parque Nacional do Descobrimento sobrepõe o Território Kaí-Pequi. Na comunidade vivem

aproximadamente 30 famílias que sobrevivem do artesanato, da pesca, da agricultura e do serviço público do Estado com cargos no Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê e posto de saúde. As famílias que compõem a aldeia Tibá possuem parentesco com a matriarca Zabelê, considerada grande liderança para todo o Povo Pataxó. Os mais “velhos” da aldeia Tibá nasceram próximos aos Rios do Sul, do Peixe, Kaí, Imbassuaba, Pixane, Corumbau e Ribeirão, que se encontram entre a região de Cumuruxatiba, Corumbau e Barra Velha.

Na aldeia está localizado o *Kijeme* (casa na língua *Patxohã*) de Cultura da Zabelê, com intenções de um museu Pataxó, que busca evidenciar a vida de Dona Zabelê, considerada a guardiã da cultura Pataxó, lembrante da língua *Patxohã*. A aldeia possui um anexo do Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, que atende da Educação Infantil ao Ensino Médio no ensino regular, possuindo ainda a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A aldeia Pequi foi criada em 19 de agosto de 2003, a 7 Km de Cumuruxatiba. A aldeia agora está numa área doada por um dos membros da comunidade, que tinha esses lotes a 3 km de Cumuruxatiba, sendo importante dizer que essa área também faz parte do Território Kaí-Pequi, estando dentro do estudo de delimitação e demarcação do território. A aldeia se iniciou com 15 famílias e hoje é uma das mais populosas. As famílias vivem de aposentadorias, agricultura, pesca, artesanato e do serviço público no Colégio Estadual Indígena Tãnara Pataxó Pequi/Gurita, que atende da Educação Infantil ao Ensino Médio no ensino regular e EJA.

A aldeia Pequi, antiga Serra Verde, tem como núcleo de parentesco a família do Cacique Baiara, nascido em Barra Velha, mas que morou durante muitos anos na aldeia Mata Medonha, vindo fixar-se em Cumuruxatiba após os anos 2000. A aldeia possui uma relação direta com as aldeias Pataxó de Carmésia-MG (Sede, Retirinho, Imbiricu) e da Mata Medonha em Santa Cruz Cabralia- BA, havendo um fluxo constante de famílias que moram por períodos nessas aldeias.

A aldeia Alegria Nova está localizada a 36 Km de Cumuruxatiba. As famílias moram dentro dos limites do Parque Nacional do Descobrimento, próximo ao Rio do Sul e Córrego Três Capangas. A família que agregou parentesco na criação da aldeia foi a do Sr. Gentil Brito da Conceição, sendo essa atualmente recomposta por famílias de outras aldeias. A aldeia é atendida com um anexo do Colégio

Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, responsável pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA.

A aldeia Monte Dourado foi construída em 2012, a partir de migrações da aldeia Alegria Nova, incorporando famílias pataxó que estavam espalhadas nos assentamentos de reforma agrária da região. Algumas famílias vieram do assentamento Nova Esperança, onde viviam como agregados nas casas de amigos, colaborando com o trabalho no cultivo da terra. Diante da possibilidade de construção de mais uma aldeia, passaram a compor a coletividade da aldeia Monte Dourado. A aldeia Monte Dourado também possui um anexo do Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, atendendo a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e a EJA.

A aldeia Gurita foi construída em 2003 em torno do núcleo familiar do Sr. Eliotero Ferreira da Cruz, também conhecido com o Sr. "Soté". A aldeia é composta de 20 famílias, ocupando uma área do território que era apropriada por caçadores e extratores de palmito. Neste sentido, a fundação da aldeia se deu como estratégia de ocupação de parte do território que vinha sendo degradado por não indígenas. A aldeia possui um anexo do Colégio Estadual Indígena Tãnara Pataxó Pequ/Gurita, atendendo a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e EJA.

A aldeia Kaí está localizada a 6 km de Cumuruxatiba, nesta aldeia vivem 80 famílias cadastradas, que utilizam a área para agricultura de subsistência, mas nem todas possuem residência fixa na aldeia. A aldeia nasceu após conflitos internos na aldeia Tibá e atualmente tem sido uma das comunidades com mais visibilidade dentro do distrito, talvez por sua localização à beira da estrada para a Barra do Kaí, onde reúne grande número de turistas, por ser um ponto histórico que marcou a colonização portuguesa no Brasil. A aldeia vive da agricultura e nela está a sede do Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, que atende Educação Infantil (creche e pré-escola), Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA.

A aldeia Dois Irmãos foi criada em 2013, após tentativas frustradas de criação da aldeia urbana Cumuru-Pataxó pela atual cacica da aldeia, Ariã Pataxó. A aldeia possui 40 famílias que vivem da agricultura, da pesca, da mariscagem, de seus empregos em serviços públicos ou nas pousadas. A aldeia possui um núcleo do Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, oferecendo a Educação Infantil, o Ensino Fundamental I e a EJA.

O *Patxohã* e suas paisagens híbridas

Muitas têm sido as polêmicas em torno do *Patxohã* dentro dos estudos sobre as línguas indígenas. Desde que se teve notícias que os Pataxó estavam “revitalizando” ou retomando a sua língua, as recepções, sobretudo na academia, foram de diferentes perspectivas. Entre estas estão os que afirmam categoricamente que os Pataxó “perderam” sua língua, sendo impossível esse empreendimento de retorno à língua, estando os mesmos “inventando” uma língua; e os que legitimam a experiência Pataxó como possível.

Longe de querer atribuir algum juízo de valor a essa empreitada pataxó, interessa-me aqui analisar as paisagens híbridas em que o *Patxohã* vem se construindo. Vale dizer, que desde o meu primeiro contato com os Pataxó em 2006, o grupo já me apresentou a língua⁷, sendo minha experiência guiada com inúmeras palavras do *Patxohã*. Essa experiência abrange desde a orientação de monografias do Magistério Indígena – Nível Médio sobre o uso do *Patxohã* nas escolas, até as tentativas de seminários bilíngues nas comunidades, dentre outras que aparecerão no texto.

Inúmeras têm sido as experiências do *Patxohã* nas suas distintas aldeias pelo Brasil. Nos seus estudos, Grünewald (1999) coloca a língua como mais uma tradição perseguida entre os Pataxó no movimento de reorganização étnica. Para o autor:

[...] alguns Pataxó estiveram entre os Maxacali de Minas Gerais e aprenderam palavras da língua desses índios. Pareceu tratar-se de um processo no qual os índios de Barra Velha iam até os Maxakali, aprediam algumas palavras e iam criando (politicamente) uma determinada fala para ser apresentada aos brancos de uma maneira geral a fim de se legitimar como índios (GRÜNEWALD, 1999, p. 232-233).

⁷ Em alguns momentos será utilizado língua *Patxohã* e em outros a língua pataxó. A expressão língua pataxó é mais comum com os idosos, diferente da expressão *Patxohã* mais utilizada entre os professores e pesquisadores. Com os mais velhos, é mais usual a frase “vamos cortar na língua Pataxó” para se dizer que não vamos falar na língua portuguesa; contudo, o uso das duas expressões aqui não tem o intuito de uma sobrepor à outra, ao contrário, o objetivo é mostrar que há diferentes formas de falar nas comunidades pataxó (OLIVEIRA; SILVA, 2017).

Acerca do contato com os Maxakali, esse vem sendo registrado há muitos séculos, conforme alguns relatos apresentados neste texto, sendo impossível negar os empréstimos linguísticos deste povo aos Pataxó, não sendo apenas os Maxakali que têm composto paisagens híbridas com os Pataxó. Neste sentido, vale lembrar que no último aldeamento Pataxó, o que hoje se reconhece como aldeia Barra Velha, estiveram reunidos mais de uma dezena de etnias, sendo estas dos troncos linguísticos Tupi e Jê, sendo impossível estabelecer fronteiras linguísticas.

Desta forma, a composição lexical do *Patxohã*, sobretudo entre os Pataxó de Cumuruxatiba, vem se dando numa maquinaria híbrida de fronteiras linguísticas desfeitas e recompostas, em que falar de uma tradição linguística não é mais possível, uma vez que os processos de “inteiramentos” da língua pataxó só têm sido possíveis a partir destes fluxos linguísticos arredios. Para Bomfim (2014):

[...] embora algumas palavras faladas pelos Pataxó sejam empréstimos linguísticos de origem de outros povos com os quais mantiveram contato há muito tempo, essas palavras hoje continuaram compondo o léxico da língua pataxó, sendo estas conhecidas e faladas pela maioria do Povo Pataxó, sendo parte também da língua pataxó e valorizada pelo Povo (BOMFIM, 2014, p. 154).

Em seus estudos Bomfim (2014) aponta que a inserção do *Patxohã* nas comunidades e escolas Pataxó ocorreu a partir dos Pataxó que vivem em Minas Gerais, que já faziam o processo de retomada linguística em suas comunidades, trazendo a experiência de suas comunidades para a Bahia por meio de visitas, sendo estas experiências no campo musical. Entre os Pataxó do Território Kai-Pequi, observei que as paisagens linguísticas do *Patxohã* têm tido maiores ressonâncias também a partir das músicas. Para *Jukunã*, a música Pataxó, juntamente com o ritual do Awê, tem possibilitado um maior aprendizado das crianças, dos jovens e dos adultos da língua pataxó (JUKUNÃ, 2011). Na mesma perspectiva apresentada por *Jukunã* (2011), Bomfim (2014) coloca:

A música é um elemento importante na vida do Povo Pataxó há muito tempo, por ser uma linguagem que permitiu “guardar” a memória da vida, da cultura do Povo Pataxó, podendo ser transmitida para os mais jovens e também como um elemento para o fortalecimento da identidade do povo Pataxó. Muitas músicas cantadas pelos mais velhos eram na língua portuguesa, entretanto o interesse desses pesquisadores em trazer as

palavras do Pataxó para a música constituiu mais uma estratégia para fortalecer a língua e a identidade Pataxó (BOMFIM, 2014, p. 136).

É a música e a escola que têm atuado mais efetivamente na construção das paisagens linguísticas do *Patxohã*. Neste sentido, Bomfim (2014) coloca:

Há pouco tempo atrás, nós educadores e lideranças Pataxó preocupados em manter o nosso jeito de ser Pataxó e afirmar nossos costumes, nos convencemos de nosso papel de organizadores de nossa sociedade e passamos, de forma independente, a fazer estudos mais detalhados de nossa língua. Depois de muito estudo, apesar de não sermos conhecedores de linguística, porém levados por grande desejo de descoberta e aprender tudo sobre a nossa língua, passamos a chamar nossa linguagem de *patxohã*, para marcar nosso trabalho. Que quer dizer: *pat* são as iniciais da palavra pataxó; *atxohã* é língua; *xohã* é guerreiro. Ou seja, linguagem de guerreiro (GRUPO DE PESQUISA PATAXÓ, 2004).

Os Pataxó vêm com o grupo de pesquisa *Atxohã*, organizando e recriando o léxico do *Patxohã* em encontros com professores (as) de cultura das distintas comunidades e escolas. Sobre a figura do (a) professor (a) de cultura, esta trata de mais um empreendimento pataxó na reorganização e reinvenção da "tradição", sendo este legitimado em textos curriculares como personagem importante na "revitalização" da cultura pataxó, podendo ser lido como o (a) profissional responsável na escola pela reunião dos processos pedagógicos da cultura.

Em análises mais recentes, tenho pensado o processo de retomada linguística perseguido pelos Pataxó com o aporte da linguística *queer*, definida como o estudo que investiga:

[...] como pessoas que, por suas vivências sexuais e corporais, relegadas à zona de ininteligibilidade social, faziam uso estratégico de códigos linguísticos dissonantes na negociação de suas identidades e de sua existência cultural. Ou seja, as investigações tentavam explicar como esses indivíduos faziam uso de recursos linguísticos que, à primeira vista, não estariam autorizadas usar e como essa combinação de distintos códigos, registros, sotaques, léxicos etc. construía e (des) legitimava seu lugar social (BORBA, 2015, p. 93).

Embora a linguística *queer* tenha se preocupado até então, em como os falantes administram performances linguísticas, desafiando discursos de heteronormatividades (BORBA, 2015), julgo ser potente analisar as paisagens híbridas do *Patxohã* como constrangimentos às normalizações em torno das línguas indígenas, uma vez que estes *queerificam* paisagens linguísticas o tempo

todo na (re) invenção de sua língua. Parece-me que os Pataxó entenderam como o dispositivo linguístico tem operado na construção de tradições étnicas no contexto indígena brasileiro, sendo sua (re) invenção somente possível em paisagens híbridas, o que de certa forma para o grupo não apresenta nenhum desconforto.

Considerações Inconclusas

O texto buscou apresentar algumas reflexões dos processos de “inteiramento” linguístico empreendidos pelos Pataxó de Cumuruxatiba/Prado - Bahia, que se cruzam com a construção da Educação Escolar Indígena Pataxó e os fluxos identitários do Povo Pataxó na retomada dos seus territórios explorados e sobrepostos por Unidades de Conservação.

Os Pataxó de Cumuruxatiba/Prado- Bahia vêm rasurando os discursos da história, da antropologia e da linguística, construindo “inteiramentos” linguísticos em paisagens *queers*, onde as classificações herméticas das línguas indígenas feitas pela linguística, não tem dado conta de responder. Neste sentido, as considerações que aponto nesse texto operam como inconclusas, onde, lendo as experiências Pataxó de revitalização linguística dentro de uma leitura pós-estrutural e pós-colonial, como fluxos de paisagens e fluxos curriculares, considero que podem contribuir na desconstrução de aparelhamentos culturais e linguísticos.

Referências

APPADURAI, Arjun. *Dimensões Culturais da Globalização: a modernidade sem peias*. Lisboa: Editorial Teorema LTDA, 2004 (Trad. Telma Costa).

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, (trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves), 2013.

BOMFIM, Anari Braz. Patxohã: o processo da língua Pataxó no tempo presente. In.: SANTOS, Jocélio Teles dos (Org.). *Discutindo Etnicidades: alimentação, afro-religiosidade, percursos intelectuais negros, política linguística e adornos corporais indígenas*. Salvador: EDUFBA, 2014.

BORBA, Rodrigo. Linguística Queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. In.: *Revista Entrelinhas*, v. 9, n. 1, Jan./Jun., 2015.

CANCELA, Francisco. Uma barreira contra os perigos do sertão do Monte Pascoal: a criação da vila do Prado, os índios Pataxó e a ressignificação das relações de contato (1764-1820). In: CAETANO DA SILVA, J. L. (Org.); CARVALHO, M. R. G. (Org.); AGOSTINHO, P. (Org.); ROCHA, A. N. (Org.); LIMA, A. V. (Org.); BIERBAUM, B. (Org.); LOUKOTKA, C. (Org.); SANTOS, C. S. (Org.); GAYER, C. C. (Org.); CANCELA, F. (Org.); GROSSI, G. (Org.) *Tradições étnicas entre os Pataxó no Monte Pascoal: subsídios para uma educação diferenciada e práticas sustentáveis*. 1ed. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2008, v. 1, p. 598-616.

CARVALHO, Maria do Rosário. O Monte Pascoal, os índios Pataxó e a luta pelo reconhecimento étnico. *Caderno CRH*, Salvador, v.22, n.57, p.507-521. Set/Dez. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-49792009000300006>

EMMERICH, Charlotte; MONSERRAT, Ruth. Sobre os Aimorés, Krens e Botocudos: novas linguísticas. In: *Boletim do Museu do Índio*, Antropologia, nº. 3, Rio de Janeiro, 1975.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. *Os “Índios do Descobrimento”*: tradição e turismo. Rio de Janeiro: UFRJ/MN-PPGAS, 1999 (Tese de Doutorado em Antropologia).

GRUPO DE PESQUISA PATAXÓ. *Língua Pataxó*. Coroa Vermelha, 2004.

JUKUNÃ (Denilta Pataxó). *Areneá Patxohã: O Ensino do Patxohã na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê- Aldeia Tibá*. Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 2011.

OLIVEIRA, Cristiane Maria de; SILVA, Paulo de Tássio Borges da. Voos na Sabedoria: o ensino do Patxohã na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê. In: ZAPAROLI, Witembergue Gomes. *A Educação entre Indígenas*. Imperatriz: Editora Ética, 2017.

OLIVEIRA, Cornélio Vieira de. *Barra Velha: o último refúgio*. Londrina: A N. Imprensa, 1985.

RIBEIRO, Darcy. *Os Índios e a Civilização*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1986.

SILVA, Paulo de Tássio Borges da. *A Educação Escolar Indígena no Processo de Revitalização Cultural Pataxó na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê*. Teixeira de Freitas: Universidade do Estado da Bahia – UNEB, 2009. (Monografia de Graduação).

SILVA, Paulo de Tássio Borges da. *Hãmyá Kitoko Pataxó: trabalho, sociabilidades e agenciamentos entre as crianças Pataxó do Território Kai-Pequi*. Itapetinga: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UNEB, 2013. (Monografia de Especialização em Ed. Infantil).

SILVA, Paulo de Tássio Borges da. *As Relações de Interculturalidade entre Conhecimento Científico e Conhecimentos Tradicionais na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

SILVA, Paulo de Tássio Borges da. *Paisagens e Fluxos Curriculares Pataxó: processos de hibridização e biopolítica*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em

Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Proped/UERJ, 2019 (Tese de Doutorado em Educação).

TEMPESTA, Giovanna Acácia; SOTTO-MAIOR, Leila Bungler. *Relatório de fundamentação antropológica: GT de revisão de limites de Barra Velha e identificação de Corumbauzinho*. Brasília, 2005.

VALLE, Cláudia Neto do. *Sou Brasileiro, Baiano, Pataxó*. São Paulo: PUC-SP, 2000. (Dissertação de Mestrado).

WIED-NEUWIED, Maximiliano. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1989.